

# School, Community, Inclusion-Friendly Initiative (Iniciativa de Inclusão para Escola e Comunidade, SCI-FI)



**FAMILY NETWORK  
ON DISABILITIES**



Family Network on Disabilities  
2196 Main St., Suite K, Dunedin, FL 34698  
(727) 523-1130/(800) 825-5736  
Fax: (727) 523-8687  
Email: [fnd@fndusa.org](mailto:fnd@fndusa.org)  
[www.fndusa.org](http://www.fndusa.org)

Buscar a integração e igualdade total para as pessoas com deficiência  
em uma sociedade sem barreiras.

# Criar comunidades pró-família

“Comunidades pró-família” é uma expressão composta de palavras que conhecemos e apreciamos. Se fossem incluídas em uma votação, provavelmente votaríamos a favor. Como criar comunidades pró-família e por onde começar? Vamos começar com uma definição esclarecedora. “Comunidades pró-família” são grupos compostos de famílias, profissionais, líderes, voluntários e cidadãos que acreditam em uma comunidade que aprecie a cultura e aceite as pessoas com deficiência, integrada à diversidade e voltada para a inclusão de todos os seus integrantes e visitantes. Como nos tornamos esse tipo de comunidade?

Primeiramente, começamos com a conscientização da comunidade. Sabemos quem é a nossa comunidade? Conhecemos nossos vizinhos? Encontramos com eles durante o ano para falar de segurança, limpeza ou melhorias necessárias? Qual é o ambiente das escolas de nossa vizinhança? As escolas têm uma boa reputação em termos de sucesso dos estudantes e participação familiar? Apoiamos supermercados, agências ou outros negócios da nossa vizinhança? Eles são receptivos? Conhecemos nossos líderes eleitos (prefeito, legisladores estaduais, membros do Congresso, senadores, etc)? Muitos elementos contribuem para tornar uma comunidade pró-família. Para criar uma comunidade pró-família, você deve começar a fazer o seguinte:

## **Identifique as famílias vizinhas**

- Mães e pais solteiros
- Famílias multiculturais
- Famílias de indivíduos e crianças com deficiência
- Defensores
- Idosos
- Todos os membros da sua comunidade

## Identifique os negócios, as agências, os provedores de serviços e as organizações da sua vizinhança:

- Supermercados, estabelecimentos comerciais e lojas
- Grupos de apoio
- Organizações religiosas
- Hospitais
- Escolas
- Centros de recreação
- Órgãos governamentais, instituições, organizações não lucrativas, etc.

As comunidades pró-família são compostas de pessoas que se preocupam com as necessidades de seus familiares e moradores e com as questões que precisam de atenção. Questões que precisam de atenção podem ser:

- **Acessibilidade** – Os membros da sua comunidade têm igualdade de acesso a parques, escolas, comércios e negócios? Os dados demográficos da sua comunidade são incluídos em todas as atividades? O que a sua comunidade tem feito para facilitar o acesso a todos os locais, como parques e espaços recreativos, escolas, comércios e negócios? Que tal assegurar o acesso de todas as pessoas a todos os programas e criar oportunidades iguais de participação nas atividades?

- **Educação** – As escolas têm algum relacionamento com os membros da comunidade? Elas fazem parcerias com empresas e negócios? As famílias estão bem conectadas à escola dos filhos? Elas asseguram a existência de creche antes e após o horário escolar? Sua comunidade oferece programas e serviços de aprendizagem para crianças na primeira infância com todo tipo de capacidade de aprendizagem?

## Criar comunidades pró-família (cont.)

- **Transporte e mobilidade** – Existem calçadas e ciclovias? Existem estacionamentos acessíveis e rampas em todos os locais? Existe algum programa de ida a pé para a escola? E programas de transporte solidário e transporte acessível?
- **Segurança e desenvolvimento** – Há programas de “vigilância do crime” na vizinhança? E quanto a medidas para redução de tráfego nas áreas onde há crianças pequenas ou crianças e indivíduos com deficiência (pessoas com deficiência auditiva ou visual)? Sua comunidade pensou em recomendações para a iluminação que promovam a segurança na vizinhança? Essas dicas e ideias são apenas os primeiros passos para a criação de comunidades pró-família. Pode haver questões que demandem financiamento e coordenação de comitês que se reúnam regularmente para enfrentar essas questões. Criar uma comunidade pró-família causa um impacto positivo na sua região. Criar uma comunidade pró-família ajuda a reduzir as taxas de crime, desemprego, pobreza, abandono escolar, etc. Essa é uma situação que favorece todos os membros da comunidade.



# Person First Language (linguagem que prioriza a pessoa)

## **Person First Language: O respeito começa com conscientização e sensibilidade.**

O uso de Person First Language é uma forma respeitosa e adequada de falar sobre as pessoas com deficiência. As palavras servem para descrever as pessoas de várias maneiras, inclusive identificar, expor a personalidade de alguém e insultar. Muitos costumam identificar as pessoas por raça, religião, etnia ou deficiência. Entretanto, não é apropriado fazer referência a alguém somente em termos de raça, religião, etnia ou deficiência. Sem a consciência da linguagem que escolhemos para descrever os outros em público, corremos o risco de ofender alguém. Por exemplo, chamar uma pessoa de “incapaz” ou “aleijada” é muito ofensivo. Já ouviu dizerem “Ele está preso à cadeira de rodas?” Essa frase enfatiza a deficiência ou a dificuldade da pessoa, e não quem de fato ela é. A palavra “incapaz” carrega um tom pejorativo, pois significa inválido. É um termo abrangente, pode indicar alguém que não consegue trabalhar, ler, escrever, falar ou viver com independência. E se a pessoa conseguir fazer tudo isso? Referir-se a alguém como “uma pessoa portadora de deficiência” é uma forma respeitosa, aceitável e apropriada de falar.

No início dos anos 1900, palavras como idiota, tolo e imbecil eram classificações que os profissionais da área médica usavam para descrever os níveis de inteligência das pessoas com deficiências intelectuais. Esse sistema de classificação foi utilizado até o início dos anos 1970. Com o tempo, defensores, pais e profissionais ajudaram a mudar o pensamento da sociedade, preconizando efetivamente o respeito às pessoas com deficiência e ensinando que elas têm um valor intrínseco como indivíduos e devem ser tratadas como membros iguais da sociedade.

## Person First Language (cont.)

Person First Language é colocar a pessoa em primeiro lugar, e não sua deficiência. Muitos portadores de deficiência não querem ser rotulados nem identificados em função de sua deficiência. Querem ser aceitos e conhecidos pelo que são. Uma deficiência é uma condição médica, e não um traço da personalidade. Quando identificamos uma pessoa por sua deficiência ou seu diagnóstico, nós a desvalorizamos. O que soa melhor? “Meu irmão é um menino de baixo rendimento, com síndrome de Down” ou “Meu irmão tem síndrome de Down e enfrenta muitos desafios”. A segunda frase além de soar melhor, descreve uma pessoa real que não é rotulada por sua deficiência.

Ao usar Person First Language, o primeiro passo é entender que o respeito começa com as palavras escolhidas. Todos podemos mudar para melhorar a nossa comunicação. Por exemplo, as pessoas em geral têm usado estas afirmações inadequadas: “Esta é uma criança que precisa de educação especial”, “Meu filho não fala” e “Use a vaga de estacionamento para deficientes”. Refaça essas frases: “Esta criança tem dificuldade de aprendizagem”, “Meu filho se comunica por meio de gestos” ou “Use a vaga de estacionamento acessível”. Observe a mudança de linguagem para descrever as pessoas e as situações na comunidade de portadores de deficiência. O segundo grupo é de frases respeitadas e apropriadas para usar e exemplificar a delicadeza com os portadores de deficiência.

Também temos que ter consciência das metáforas usadas socialmente. Por exemplo, falar em tom de brincadeira que alguém é “cego como um morcego” pode parecer inofensivo, mas uma pessoa com deficiência visual talvez não considere tão divertido.

Esta é uma pequena tabela referencial do tipo de linguagem considerada respeitosa e aceitável.

<b>Linguagem inadequada e ofensiva</b>	<b>Linguagem adequada e respeitosa</b>
Ele é autista ou ela é mongoloide ou criança da síndrome de Down. Epiléptico.	Ele tem autismo. Ela tem síndrome de Down. Pessoa com epilepsia.
Ela é inválida ou incapaz.	Ela tem uma deficiência. Uma pessoa portadora de deficiência.
Ele é maluco, psicótico, maníaco.	Ele é portador de deficiência da saúde mental.
Alguém está usando a carteira de deficiente?	Alguém está usando a carteira acessível?
Este homem é uma pessoa com retardo mental, lenta ou especial.	Este homem tem uma deficiência intelectual, cognitiva e de desenvolvimento.
Meu filho não fala.	Meu filho se comunica por meio de imagens.
Pergunte a localização à mulher presa à cadeira de rodas.	Pergunte a localização à mulher que está usando a cadeira de rodas.
Sou uma pessoa normal ou saudável.	Não sou portador de deficiência.
Este garoto é excepcional.	Este estudante tem dificuldade de aprendizagem.

Requer um pouco de prática, mas essas pequenas mudanças ao abordar o assunto e ao falar com os portadores de deficiência podem fortalecer e ajudar no desenvolvimento de uma sociedade inclusiva que aceita as pessoas independentemente de gênero, raça, religião, etnia, orientação sexual e habilidades.

# Prevenção do bullying

Em algum momento, muitos já tiveram o seguinte pensamento: “Crianças são crianças e devem aprender a resolver seus próprios problemas.” Isso pode ser verdade em muitas situações. Entretanto, o bullying se tornou um problema sério. Você sabia que uma em cada quatro crianças é vítima de bullying todos os dias? Atualmente nas escolas, mais de 77% dos estudantes sofrem bullying psicológico, físico e verbal. O uso crescente da tecnologia faz com que as crianças sejam vítimas do “bullying cibernético”. Como saber se o que ocorre entre as crianças é brincadeira ou bullying? Não importa. Toda vez que uma criança é ridicularizada, humilhada e diminuída, a situação é inaceitável. Quando você deve se envolver? Toda vez que presenciar algum comportamento cruel, discriminatório ou agressivo indesejado, você deve se envolver. O bullying não ocorre somente entre crianças.

Adultos podem intimidar outros adultos e também crianças. Você deve notificar alguém do setor administrativo da escola se presenciar qualquer tipo de bullying. Familiarize-se com a política de prevenção do bullying da escola do seu filho e adote as medidas necessárias para relatar o comportamento e acompanhar as ações tomadas. É importante agir para evitar o bullying. Crianças com deficiência correm maior risco de sofrer bullying e são, muitas vezes, alvos de provocações. As crianças vítimas de bullying tendem a ter baixo rendimento escolar. Elas também são mais propensas a se envolver em brigas, consumir drogas e abandonar o ensino médio. Estudos comprovam que as crianças que sofrem excesso de bullying têm maior tendência de apresentar o mesmo tipo de comportamento na idade adulta. Muitos abusadores crônicos costumam sofrer alguma condenação criminal por volta dos 24 anos. Além disso, 40% deles são presos três ou mais vezes até os 30 anos, segundo o **National Youth Violence Prevention Center (Centro Nacional de Prevenção da Violência Juvenil)**

## Prevenção do bullying (cont.)

A prevenção do bullying é eficaz quando todos trabalham em sintonia. Os estudantes se sentem mais seguros quando sabem que os professores, os pais e os colegas têm a intenção de ajudar a eliminar o comportamento abusivo. Estas dicas oferecem estratégias que podem ajudar a impedir o bullying em nossas escolas e comunidades:

**Ambiente escolar:** é importante que você conheça a frequência e a gravidade do bullying. As escolas podem sondar os estudantes sobre onde e quando o bullying ocorre. Eles se sentem seguros de relatar os incidentes aos adultos? E o que sentem em relação aos outros estudantes que repassam essas informações? O que eles consideram comportamento aceitável e inaceitável? Eles se sentem seguros na escola? Como eles se sentem em relação aos estudantes de diferentes etnias, orientações sexuais ou realidades socioeconômicas e culturais? Também é importante ouvir os pontos de vista e as ideias de pais e educadores sobre esses assuntos. Isso ajudará a identificar possíveis elementos desencadeadores de bullying.

**Parcerias em três níveis:** desenvolva uma comissão da “escola pró-família” composta de estudantes, pais e educadores. Comece criando um regulamento para a prevenção do bullying. Esse regulamento será assinado por estudantes, pais e educadores. Nesse documento, todos concordam que o bullying é proibido e que não participarão nem permitirão qualquer forma de comportamento abusivo. Todos também concordam em relatar os incidentes de bullying que presenciarem. Todos concordam em seguir e apoiar as orientações da escola para prevenção do bullying.

**Aplique as regras e as orientações da escola sobre bullying:** ninguém levará a prevenção do bullying a sério se as orientações forem tratadas com descaso e não forem aplicadas ou reforçadas. Certifique-se de que as crianças, os pais e os professores saibam que a prevenção do bullying é tão importante quanto a participação e que será monitorada com regularidade.

## Prevenção do bullying (cont.)

**Treinamento e programa:** identifique os recursos que estão disponíveis para as escolas e as famílias, como os Parent Training and Information Centers (centros de Informações e Treinamento para Pais, PTI), ou outras entidades que oferecem treinamento a professores, pais e estudantes sobre prevenção do bullying. Realize esses treinamentos todos os anos.

### **Como proteger seu filho do bullying:**

you não passa o dia inteiro com seu filho, porém pode assegurar que ele saiba o que fazer em caso de bullying ou se tiver chances de se tornar vítima de bullying:

**1. Converse sobre bullying desde cedo** – há relatos de crianças que se lembram do bullying sofrido aos quatro anos de idade. Explique o que é bullying e pergunte se ele já passou por isso ou se já praticou bullying contra outros.

**2. Saiba mais sobre seu filho e os amigos dele** – é importante encorajar seu filho a ter amigos. Nem sempre as crianças fazem as melhores escolhas em termos de amizade. Os pais devem saber quem são os amigos dos seus filhos e quais são suas atividades preferidas. As crianças se comportam de maneira diferente em cada ambiente. Preste atenção ao comportamento e às ações do seu filho quando ele está com outras crianças. Ele é agressivo, controlador ou tímido e submisso?

**3. Envolver-se na escola** – as crianças cujos pais participam na escola são menos propensas a se tornarem vítimas de bullying (principalmente se seus pais estão no topo da árvore de telefones dos pais). Conheça a política da escola e participe das comissões de pais e/ou PTA para discutir, analisar e atualizar as políticas de prevenção de bullying.

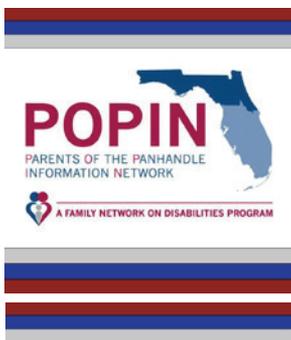
**4. Ensine assertividade** – você pode ajudar a aumentar a autoestima da criança ensinando como ela pode se afastar com confiança de uma situação. Para isso, você pode ler histórias e pesquisar tópicos sobre bullying juntos. Quanto mais informada a criança for, melhor ela poderá entender a situação. Você pode experimentar fazer uma dinâmica em casa, representando várias situações sobre como lidar com um agressor.

**5. Monitore o uso da Internet e do telefone** – as crianças hoje têm mais acesso à tecnologia do que nunca. Todas as crianças são um alvo fácil do bullying cibernético. O bullying cibernético pode facilmente passar despercebido se não estivermos atentos. Seu filho não será alvo de ataques de bullying cibernético se ele não tiver presença na Web. Acompanhe os sites que seu filho visita, monitore as mensagens SMS e os aplicativos baixados para o telefone que ele utiliza, caso tenha um.

O mais importante é que os adultos estejam disponíveis quando as crianças procurarem ajuda. Nossas crianças precisam saber que podem se aproximar dos adultos em quem confiam quando se sentirem em apuros e precisarem de ajuda. Também temos que ouvir e observar os sinais de bullying mesmo quando não forem tão óbvios. Todas as crianças têm o direito a ser autênticas e ficar à vontade para serem quem são. Elas precisam se sentir seguras nos ambientes que frequentam, seja em casa, na escola ou na comunidade. Precisamos trabalhar em conjunto para ensinar as crianças a não rotular e não julgar os outros com base em aparência, roupas, etnia, capacidade de aprendizagem, deficiência ou outras diferenças. Toda criança é única. As crianças devem aprender a aceitar a diversidade e a apreciar as pessoas por quem elas são.

# Observações

# Observações



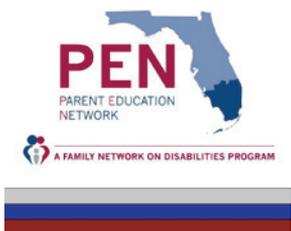
O programa oferece os serviços do PTI nas seguintes localidades:

Alachua, Baker, Bay, Bradford, Calhoun, Clay, Columbia, Dixie, Duval, Escambia, Flagler, Franklin, Gadsden, Gilchrist, Gulf, Hamilton, Holmes Jackson, Jefferson, Lafayette, Leon, Levy, Liberty, Madison, Marion, Nassau, Okaloosa, Putnam, Santa Rosa, St. John's, Suwannee, Taylor, Union, Volusia, Wakulla, Walton e Washington.



O programa oferece os serviços do PTI nas seguintes localidades:

Brevard, Citrus, De Soto, Hardee, Hernando, Highlands, Hillsborough, Indian River, Lake, Manatee, Okeechobee, Orange, Osceola, Pasco, Pinellas, Polk, Sarasota, Seminole, St. Lucie e Sumter.



O programa oferece os serviços do PTI nas seguintes localidades:

Broward, Charlotte, Collier, Glades, Hendry, Lee, Martin, Miami-Dade, Monroe e Palm Beach.

Nossos programas POPIN-PSN-PEN ajudam a assegurar que os pais de crianças com uma grande diversidade de deficiências tenham o treinamento e as informações de que precisam para preparar seus filhos para uma vida produtiva e independente, na medida máxima do possível.

**A Family Network on Disabilities (Rede dos Familiares de Deficientes, FND) busca a integração e igualdade total para as pessoas com deficiência em uma sociedade sem barreiras.**



O conteúdo de nossos materiais foi desenvolvido com financiamento do Ministério da Educação dos EUA, H328M150043, H328M150042 e H328M150041. No entanto, o conteúdo não representa necessariamente a política do Ministério de Educação dos Estados Unidos e, portanto, não deve ser entendido como endossado pelo Governo Federal.

Diretor do projeto: Greg Knollman.

© 2017 Family Network on Disabilities of Florida, Inc.